

O INTELLECTUAL E A UNIVERSIDADE ESTAGNADA



“Cidadão do mundo”, pela universalidade de sua obra, atividade docente e de pesquisador em vários continentes, e de sua preocupação com os problemas sociais, o geógrafo **Milton Santos** recebeu, dia 28 de agosto, o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Em seu pronunciamento, fez uma aprofunda-

da análise do papel da universidade na sociedade e alertou os intelectuais para os perigos que rondam a academia. Diante da relevância e da oportunidade das críticas de Milton Santos, a *Revista Adusp* publica o pronunciamento, revisto pelo autor, com o propósito de que sirva de reflexão neste momento em que a USP se prepara para eleger um novo reitor.

Esta festa, como tantas outras que se fazem, freqüentemente exaltam as vitórias. A verdade é que deveria também haver festas para exaltar as derrotas, os empecos, os obstáculos que fazem parte da vida de quem trabalha, e que nem sempre são devidamente levados em conta. Um homem que pensa, e que por isso mesmo quase sempre se encontra isolado no seu pensar, deve saber que os chamados obstáculos e derrotas são a única rota para as possíveis vitórias, porque as idéias, quando genuínas, unicamente

triumfam após um caminho espinhoso. Creio que é por aí que veio à cabeça de alguns colegas oferecer-me este prêmio: pelo fato de que sempre soube ser só, de que sempre soube não fazer concessões e sempre soube acreditar no futuro. Acreditar no futuro é também estar seguro de que o papel de uma Faculdade de Filosofia é o papel de crítica, isto é, da construção de uma visão abrangente e dinâmica do que é o mundo, do que é o país, do que é o lugar, e o papel de denúncia, isto é, de proclamação clara do que é o mundo,

o país e o lugar, dizendo tudo isso em voz alta.

Essa crítica é o próprio trabalho do intelectual. Essa crítica poderia ser o trabalho do professor e do pesquisador, mas, por enquanto, prefiro dizer que é o trabalho do intelectual. Essa crítica, esse dever do intelectual não se confundem com a idéia de instituição.

Se a universidade pede aos seus participantes que calem, ela está se condenando ao silêncio, isto é à morte... A fidelidade reclamada não pode ser à universidade, e a ela não temos razão para ser fiéis. Nossa única fidelidade é com a idéia de universidade E é a partir da idéia sempre renovada de universidade que julgamos as universidades concretas e sugerimos mudanças. De outro modo, compactuamos com equívocos e erros e acabamos, nós próprios, praticando equívocos e erros.

A universidade, aliás, é, talvez, a única instituição que pode sobreviver apenas se aceitar críticas, de dentro dela própria, de uma ou outra forma. Se a universidade pede aos seus participantes que calem, ela está se condenando ao silêncio, isto é à morte, pois seu destino é falar. A fidelidade reclamada não pode ser à universidade, e a ela não temos razão para ser fiéis. Nossa única fidelidade é com a idéia de universidade. E é a partir da idéia sempre renovada de universidade que julgamos as universidades concretas e sugerimos

mudanças. De outro modo, compactuamos com equívocos e erros e acabamos, nós próprios, praticando equívocos e erros. Creio que esse é o papel do intelectual, sobretudo neste fim de século tão difícil para a atividade intelectual.

Sempre se imaginou, ao longo do tempo, que chegaria um dia no qual as atividades intelectuais se-

riam maioria. Esse tempo chegou, mas o número de intelectuais verdadeiros diminuiu. Se não cuidamos de interpretá-las corretamente, as condições materiais do mundo contemporâneo podem terminar por nos associar a um pensamento acorrentado. Esse é um dos

paradoxos do nosso tempo, a era da inteligência baseada na máquina.

Os intelectuais genuínos foram, durante muito tempo, os filósofos. Todavia, a filosofia não pode mais dar conta dos extraordinários progressos realizados nas diversas áreas do saber humano. Cada uma dessas áreas, se quer permanecer viva e ativa, produz obrigatoriamente os seus próprios filósofos, autores dessa “filosofia espontânea dos cientistas” de que falou Althusser. Isso se exerce através de metadisciplinas, única base válida para alcançar o Mundo e pro-

duzir e conduzir interdisciplinariedades. Trata-se de um conhecimento global conseguido a partir das parcialidades. A busca incessante da inatingível verdade faz-se hoje a partir de disciplinas particulares, como no passado se fazia a partir da Filosofia.

Daí a possibilidade, de dentro de cada ramo do conhecimento, de distinguir a verdade do Mundo das verdades interesseiras que levam à produção de teorias utilitárias. Daí, talvez, o escárnio frequentemente atirado contra os homens que teorizam e jogado, também, contra a palavra ‘academia’ e contra os acadêmicos. Não vamos, porém, dizer que apenas a pesquisa pura é honesta. Um investigador ocupado num pedaço das coisas que é o domínio de seu trabalho pode ser honesto. Ele não pretende a verdade, ele quer apenas descobrir leis particulares de fenômenos particulares. Isso não significa que seja desonesto, mas deve estar consciente do seu trabalho fragmentário e fragmentador, na medida em que uma busca isolada de visões particulares reduz a visibilidade do todo e acaba sendo excludente de uma compreensão abrangente. E acaba por impedir que, a partir de tais achados, possa ser tomado o partido do progresso. Ora, no mundo de hoje, ser intelectual é também tomar esse partido do progresso. Isso significa igualmente atenção aos pobres e às minorias. Volto assim, aqui entre parênteses, a um tema de que gosto de falar: quem sabe um dia a Universidade de São Paulo vá se mostrar clara e ativamente inte-

ressada, por exemplo, na questão negra neste País. Isso falta à Universidade de São Paulo!

O intelectual também se interessa pela questão da totalidade. Quem se descuida da questão da totalidade e da inerente questão do movimento, do processo, jamais será um intelectual vigilante e autêntico. Para alcançar isso, temos de ser capazes de esquecer, já que a memória é, com frequência, inimiga da invenção, inimiga do novo. Esquecer é, nos dias de hoje, a primeira condição para avançar intelectualmente. A carga de lembranças, o peso de idéias feitas, o senso comum, tudo isso constitui um entrave a uma boa administração do trabalho de pensar. Ser intelectual é exercer diariamente rebeldia contra conceitos assentados, tornados respeitáveis, mas falsos. É, também, aceitar o papel de criador e propagador do desassossego e o papel de produtor do escândalo, se necessário. É preciso, para esse desiderato, ter a boa medida entre a modéstia e a coragem, essas condições do “homem só”, já que o intelectual não é o “nós”, ele não espera o apoio do colega ou do vizinho para avançar. Aliás, na maioria das vezes não avança se a cada passo tem que pedir, solicitar o apoio do colega ou do vizinho. Daí a sua solidão e seu entendimento das chamadas derrotas. O intelectual tem de saber, e a professora Maria Adélia de Souza já o lembrou, que a nossa meta não é o poder, mas o prestígio, que são coisas diferentes. E a universidade atual, talvez no mundo inteiro, mas certamente



no Brasil, confunde essas duas coisas. O prestígio não é o poder, o poder não leva ao prestígio, o prestígio não necessita do poder.

Ser intelectual hoje, na fase da globalização, encontra dificuldades oferecidas pela própria definição do que, atualmente, é conhecimento. Neste momento da história e do mundo, o papel do conhecimento como força produtiva direta acaba por atrapalhar o trabalho e complicar o papel do intelectual, ameaçado todos os dias de corrupção. O intelectual deve se premunir contra os riscos de instrumentalização do seu trabalho. Essa instrumentalização se dá pelo mercado, pela militância, pela política, pelo público, pela mídia, pela carreira. O mercado impõe lógicas externas à pessoa humana, mas que aparecem como premissas do trabalho feito na academia, levando ao arrastão de interesses menores. A prisão dos slogans e das palavras de ordem é o risco da instrumentalização pela militância, e a centralidade dos resultados e o império dos meios fazem o mesmo, no concernente à política. Mas há, também, a instrumentalização pelo público, através da busca do aplauso, o medo de ficar na penumbra e de se encontrar isolado. O intelectual que produz manchetes, aquele que quer a todo custo ser fácil, o que deseja ser visto, como um artista de “vaudeville”, e não ouvido no que tem a dizer é a presa da instrumentalização pela mídia: os perigos de uma certa televisão são claros e graves. Daí a reação que começa, na Europa, dos verdadeiros intelectuais,

recusando a comparecer de forma indiscriminada diante da televisão. Nosso trabalho não é produzir flashes, frases, mas ajudar a produzir consciência. A cautela do intelectual perante a mídia televisiva não significa recusá-la, porque o intelectual necessita da difusão do seu trabalho. Mas é necessário ser prudente, prudência que apenas vem da consciência plena do papel que temos para exercer. E, afinal, há a instrumentalização, também, pela carreira, e aqui a própria universidade tem uma culpa extremamente forte, quando, através de relatórios obrigatórios e de certas comissões que ainda estão presentes na vida acadêmica, arrastam para a burocracia os professores, sobretudo aqueles mais jovens, ou os que não podem ter voz. Essa instrumentalização acaba por transformar jovens promissores em carreiristas, uma enorme ameaça de dentro, que devemos rapidamente conjurar. Essa busca permanente e frenética de publicar, comparecer e aparecer, é, no médio prazo, danosa. A carreira é necessária, porque a universidade funciona de forma hierárquica, isto é, a hierarquia do saber. A carreira é indispensável, mas o carreirismo é abominável e não pode ser encorajado. O carreirismo leva à raridade do pensamento crítico e abrangente e conduz, também, ao reforço da burocracia como entorno privilegiado e até mesmo como princípio diretor da vida acadêmica. E, nessa lista, finalmente, a pressa. A universidade não é o lugar da pressa, ela pode e deve ser o lugar do bulício, sucedido pela



calma, e nunca o lugar da pressa. Cada dia nos pedem que sejamos produtivos e que entreguemos relatórios em prazos cada vez menores e boa parte dos colegas o aceitam tranqüilamente, deixando que o sistema burocrático acabe por ser reitor dentro da vida acadêmica.

Diante dessas circunstâncias, talvez seja até muito mais fácil culpar o mundo em que vivemos, em vez de culpar a universidade. Mas, para os intelectuais, não basta culpar o mundo, ele tem de ser entendido. Esse é o trabalho essencial da universidade: interpretar este mundo e a partir daí propor modificá-lo. É evidente que há dificuldades para encontrar o sistema do mundo atual e o respectivo sistema de idéias. O mundo atual é confuso e confusamente interpretado, o que acaba por autorizar o apego a chavões, às meias verdades, sobretudo quando lhe falta um enfoque totalizante. Como fazer avançar paralelamente os conhecimentos, num mundo que muda tão depressa? É uma questão. Como encontrar o novo? É outra questão. Como adquirir o espírito de sistema, suscetível de permitir uma análise correta, neste período técnico-científico-informacional, chamado também de globalização.

Como fazê-lo no Brasil, onde a vida intelectual ainda está organizada em torno de clubes, de clãs e do enturmamento, sendo às vezes mais útil passar as noites em reuniões sociais com os colegas que mandam, do que queimar as pestanas, como antigamente se dizia, em frente dos livros. E como con-

jurar o fenômeno da moda, aqui tão espalhado, e essa sedução pelo estrangeiro, da qual uma das marcas mais sensíveis é o apego a uma herança epistemológica européia e agora norte-americana, ambas defasadas, se jamais tiveram vigência.

São hoje possíveis outras visões do mundo, a partir de qualquer lugar, e creio que é essa a grande lição da era da globalização, em que não apenas uma cultura é capaz de ensinar, todas são igualmente capazes desse magistério. O equívoco da minha geração foi acreditar exageradamente nas virtudes do saber de um continente, agora de dois. Sem buscar uma interpretação do mundo a partir do nosso lugar, que modificaria, também, a interpretação do nosso lugar, não contribuiremos validamente ao conhecimento do mundo. Esse é o caminho para outra coisa, diante do drama em que estamos nos envolvendo agora, quando, na verdade raramente alcançamos universalidade ou universalismo, ficando unicamente internacionais, sem chegarmos a ser universais. Inclusive copiamos as formas de elegância dos outros, de tal maneira que recusamos uma forma de expressão que não seja oriunda da elegância dos outros, em vez de buscar uma elegância fundada na nossa cultura.

Cada cultura pode criar as suas próprias formas de elegância. Inclusive, o abuso das citações, típico de uma certa elegância universitária européia e norte-americana, não é a forma de elegância brasileira, nem latino-americana. Não estou sugerindo que se elimi-

nem as referências às idéias centrais — venham de onde vierem —, mas nós sabemos também que as citações são cada vez menos um crédito acadêmico e cada vez mais um exercício político, uma das grandes distorções da vida universitária neste fim de século.

Hoje, conhecer o mundo só é possível se em cada continente, em cada cultura, exercermos esse trabalho de conhecimento do mundo e nos reunirmos depois para cotejar os achados e produzir a síntese. Ora, está terminado o tempo das elegâncias de papel carbono, de elegâncias não-autênticas, que devem ser rapidamente substituídas por elegâncias fundadas na geografia e na cultura. Assim, alcançaremos uma interpretação adequada do mundo e uma elegância como autenticidade e não como cópia. Só a partir daí é possível haver diálogos sadios, como, por exemplo, estamos tentando na Geografia. Estou seguro de que tudo isso é possível.

No passado, essa Faculdade superou o dilema entre provincianismo e cosmopolitismo. Eram tempos relativamente inocentes, dilemas relativamente inocentes, e por isso rapidamente resolvidos. O dilema atual é envenenado, porque os tempos são envenenados e as nostalgias pesam muito, mas o serviço da nação e o serviço do conhecimento exigem um esforço redobrado para superar essa contradição envenenada. A internacionalidade invasora como fonte de enganos deve ser rapidamente substituída pela universalidade como matriz da verdade. 